



GÊNERO E OCULTISMO NO SÉCULO XIX: EXPRESSÕES DO ROMANTISMO EM *ARADIA* (1899) DE CHARLES G. LELAND

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4160

Mayara Carrobrez, UEM/UNICESUMAR
Silvio Ruiz Paradiso, UNICESUMAR

Resumo

O objetivo desse trabalho consiste em analisar as características do romantismo expressas na obra *Aradia, o evangelho das bruxas* (1899) do ocultista estadunidense Charles G. Leland. O livro, escrito a partir de um manuscrito que circulava pela Florença na segunda metade do XIX, contendo ensinamentos, feitiços, conjurações e demais elementos, nos apresenta uma narrativa onde as relações de gênero diferem da subordinação feminina até então imposta pelo Cristianismo. Nela, Diana é a Deusa suprema e criadora, juntamente com seu consorte e irmão, Lúcifer, que, a partir do incesto sagrado, concebem Aradia, o messias feminino, que é enviada a terra para lutar contra as opressões causadas pelo cristianismo contra mulheres, pobres e pagãos. Posteriormente, *Aradia* serviu como base para Gerald Gardner criar uma nova religião: a Wicca. Sendo assim, apresentaremos as características do romantismo que possibilitaram o surgimento do ocultismo no século XIX, e como as mesmas estão presentes em *Aradia*. Nossa metodologia consiste na pesquisa bibliográfica onde foram analisados autores como TERZETTI-FILHO (2012); MATHIESEN (1998); FAIVRE (1994) e MAGLIOCCO (2004). Diante do exposto, pudemos observar que o contexto histórico e as inquietações dos sujeitos quanto aos pressupostos religiosos incitam um ambiente onde os conhecimentos ocultos ganham força.

Palavras Chave:

Ocultismo; Charles Leland; Século XIX.

Em 1899 o folclorista norte americano Charles G. Leland publicou *Aradia, o evangelho das bruxas* em Londres. *Aradia* não era o primeiro nem último livro do autor, mas tornou-se o mais conhecido dentre os 55 títulos escritos por Leland. Dentre os principais motivos, podemos citar a Wicca, criada por Gerald Gardner, na Inglaterra, no final da década de 1940. Gardner incorporou elementos de *Aradia* e outras fontes para dar início ao que podemos chamar de bruxaria moderna.

O livro é oriundo de um suposto “evangelho” de origem semierudita que circulava pela Itália, na região da Sicília, contendo lendas e feitiços transmitidos oralmente de geração para geração de *streghe*¹

Não pretendemos discutir sobre a autenticidade do suposto “evangelho” adquirido por Leland, tampouco dissertar sobre suas controvérsias, problemas metodológicos, etc. Nossa justificativa pauta-se na importância que a obra exerceu para a construção da bibliografia neopagã que serviu de base para a criação da Wicca por Gerald Gardner e seus seguidores, assim como, norteou autores que escreveram sobre a *Stregheria* como Leo Martello e Raven Grimassi além de suscitar investigações mais aprofundadas sobre um tema pouco difundido como a feitiçaria italiana, podemos citar os estudos da antropóloga Sabina Magliocco (2006) como fundamentais para compreender as estruturas da *Stregheria* e as questões mais delicadas acerca da obra de Charles Leland.

Nosso objetivo é fazer uma breve apresentação da obra destacando seus elementos sincréticos, suas peculiaridades e suas influências, além, de problematizar o protagonismo feminino presente na obra. Também o percebemos como uma forte influência para a posterior Wicca. Nesse sentido, a obra ocupa lugar de destaque para a retomada da bruxaria

juntamente com Jules Michelet em *A Feiticeira* (1862) e Robert Graves, com *A Deusa Branca* (1948).

Estruturamos nosso texto da seguinte forma: uma síntese sobre o século XIX e o Romantismo, para contextualizar o livro, assim como as influências recebidas por Leland, seguida de uma breve biografia do autor, demonstrando seu interesse pelo ocultismo desde criança, assim como discorreremos um pouco sobre suas outras produções bibliográficas dentro do folclore e ocultismo, também dissertamos a respeito do livro a ser analisado, apresentando as principais características, elementos folclóricos, feitiços, etc; posteriormente apresentamos alguns elementos referentes a Wicca resultado da junção de crenças presentes em *Aradia* e demais influências. Por fim, problematizamos o protagonismo feminino presente tanto em *Aradia* quanto na Wicca e demais expressões do neopaganismo presentes nos séculos XX oriundas de toda essa trajetória já mencionada.

O século XIX possibilitou o surgimento do ocultismo enquanto uma série de pesquisas e práticas que envolviam magia, astrologia, alquimia e cabala (FAIVRE, 1994). Isso foi possível graças aos ares do Romantismo que circulavam pela Europa na época, entretanto, entendê-lo é uma tarefa que exige uma atenção maior. “O Romantismo é um movimento de oposição violenta ao Classicismo, a época da Ilustração e ao forte racionalismo atrelado ao século XVIII. Tal movimento recusa uma cosmovisão puramente racionalista e a estética neoclássica a ela ligada” (CARDOSO, 2017, p.26). Outro fator notável no Romantismo é a rebeldia: “mas romântico também era visto como desordenado, confuso, oposto ao disciplinado, ao regrado, ao classificado” (SALIBA, 1991, p. 13, apud CARDOSO, 2017, p.26), sendo assim, podemos

¹ Significa bruxas em italiano.

compreender *Aradia* como um livro “romântico” repleto de características rebeldes e que provocam oposição ao cristianismo que é visivelmente criticado por Leland: Diana é Deusa suprema criadora que ocupa o lugar de Deus, Aradia é o messias que vem com a missão de salvar, assim como Jesus e Lúcifer, o “diabo” cristão é visto como Deus.

No que diz respeito ao campo religioso no XIX, a Igreja já não exercia tanto poder nas ideias e desejos dos mais ousados, uma maior racionalidade permeava as discussões acerca dos temas relacionados as religiosidades da época, assim como

Devemos ressaltar que o século XIX não só vivia uma busca por espiritualidade. Aquele foi o século da ciência, quando as grandes teorias sociais e científicas começaram a entrar em cena. Tais expressões da razão também afetaram o desenvolvimento de novas espiritualidades (TERZETTI FILHO, 2012, p. 37).

Dentre essas espiritualidades podemos citar, além das expressões pagãs e neopagãs, a sociedade teosófica, criada por Helena P. Blavatsky. que também tem como protagonista uma mulher, valorizando seus ensinamentos e sua produção bibliográfica.

Leland nasceu na Filadélfia, em 1824, “sua própria mãe afirmava possuir uma antepassada que havia se casado “na magia”, e que teria retornado na figura do jovem Charles” (QUINTINO, 2000, p. 13). Além disso, Leland desde muito cedo se interessava por coisas relacionadas a ocultismo, aprendeu muito com os criados irlandeses que moravam em sua casa.

Estudante em Princeton, teve contato com várias literaturas, incluindo os trabalhos de filósofos neoplatônicos e textos herméticos. Depois de terminar seus estudos normais, viajou à Europa, onde veio a entrar em contato com vários folcloristas, principalmente na

Alemanha. Nessa época, o Folclore, como disciplina, estava dando seus primeiros passos. Leland estava envolvido com a atmosfera romântica de então e também com o turbilhão de ideologias nacionalistas que dominava os círculos estudantis (TERZETTI FILHO, 2012, p. 56).

Leland presenciou a onda revolucionária de 1848, lutou contra as tropas do rei Luís Felipe I e nesse contexto, entrou em contato com as obras do historiador Jules Michelet, que impactaram sua vida e obra. Retornou aos Estados Unidos e participou da Guerra de Secessão, também trabalhou como jornalista, tradutor e humorista. Quando completou 40 anos, mudou-se para a Inglaterra, aprofundando seus conhecimentos sobre folclore cigano, sua grande paixão, chegando a ser presidente da *Gypsy Lore Society* (TERZETTI-FILHO, 2012).

Com o passar dos anos ele se interessou pelo folclore italiano, sendo assim, mudou-se para a Itália com 62 anos para estudar as tradições populares. Conheceu em Florença uma cartomante chamada Maddalena, quem lhe forneceu um suposto evangelho, de origem semierudita, escrito a mão contendo informações que até então haviam circulado apenas hereditariamente nas famílias das Streghe. Leland uniu seus conhecimentos ao manuscrito de Maddalena e os transformou em *Aradia, o evangelho das bruxas*.

As obras de Leland em geral, carecem de alguns rigores metodológicos que fazem com que Leland não tenha credibilidade acadêmica, todavia, quando levamos em conta que seus livros foram escritos no século XIX e que ele era um folclorista que pautava seus escritos em tradições orais, vemos que não seria possível que seus livros tivessem outra forma.

Robert Mathiesen (1998) estudou alguns dos manuscritos deixados

por Leland cuidadosamente junto com um grupo de pesquisadores, o que nos forneceu bases para justificar alguns problemas metodológicos. Mathiesen (1998) nos mostra, em primeiro lugar, que Maddalena foi a heroína de Leland, sem ela, Leland não teria acesso a maioria do conteúdo. As referências a Maddalena foram extraídas das cartas que Leland trocou com sua sobrinha, Elizabeth Pennel, que posteriormente escreveu sua primeira biografia. Porém, um dos biógrafos de Leland, Gary Varner (2009) afirma que “he never saw *Aradia* in and ‘old’ manuscript’ but rather heard it orally from Maddalena and seen portions of it transcribed in ther handwriting (p.144) o que coloca em dúvida sobre a existência do mesmo.

A maioria dos estudiosos congrega a opinião de que *Aradia* contém as concepções de Leland a respeito da bruxaria, e não realmente o que era ou como as coisas aconteceram. Precisamos lembrar que os ares românticos claramente influenciaram seu discurso, fazendo com que sua noção de bruxaria fosse algo relacionada a uma opressão vivida pelos camponeses e principalmente, pelas mulheres. Nesse ponto, vemos que “so the published *Aradia* difinitelly reflects something of leland’s views on religion, magic and women” (MATHIESEN, 1998, p. 48). Ou seja, o que temos nas páginas de *Aradia* é uma representação das concepções de Leland acerca das temáticas registradas no livro. Nesse momento cabe ressaltar que sua visão de bruxaria foi fortemente influenciada por Michelet (1862) que também é duramente criticado a respeito de seus pressupostos e escritos sobre bruxaria.

É interessante ressaltar que o trabalho de Leland não consiste somente em transformar o manuscrito em livro, mas inclui um processo tradutório, visto que as anotações de Maddalena continham uma série de erros ortográficos e estavam em italiano, ou seja, muito se perde nesse processo que, além de tudo, não passou

por uma revisão. Outro fator que chama atenção é que o livro foi publicado em Londres, dois anos após Leland enviar para publicação e insistir para que fosse publicado.

O livro é dividido em 15 capítulos que agregam conteúdos lendas, feitiços, receitas de alimentos para rituais, encantamentos para atrair um amor, etc; O prefácio contém alguns comentários de Leland a respeito de alguns folcloristas que escreveram algo sobre as *streghe* dizendo que há uma diferença entre estas e as *strega*. Essa diferença se dá porque na maioria das vezes, os ensinamentos dessas são hereditários e por isso vivem no sigilo. Leland faz alguns comentários sobre aquilo que ele acredita ser a origem dessas crenças e práticas

Não restam dúvidas de que, em certos casos, essa ancestralidade remonta a tempos medievais, romanos ou até mesmo etruscos. O resultado disso é, naturalmente, o acúmulo de muita tradição entre essas famílias. Mas, no norte da Itália, como atesta sua literatura, apesar de alguns contos de fadas e superstições populares compilados por estudiosos, nunca houve o menor interesse pelo estranho conhecimento das bruxas (LELAND, 2000, p. 24).

O primeiro capítulo trata da origem de *Aradia*, filha de Diana e Lúcifer, intitulado “Como Diana deu à luz” é um convite ao diferente, visto que se trata do “incesto sagrado” da onde originou-se *Aradia*, também é a principal parte que contrasta a moral judaico-cristã elevando Lúcifer ao cargo de Deus. Nesse momento, nota-se o aspecto “revolucionário” de Leland, visto que ele participou de duas guerras e tem uma postura anticlerical assim como Michelet, o autor demonstra essas características no decorrer do capítulo. Cabe a nós ressaltar que entendemos a obra como uma criação híbrida de Leland, que engloba aquilo que ele encontrou no manuscrito como aquilo que ele mesmo acreditava, como nos

mostra Russel e Alexander

Hoje, estudiosos em geral consideram esse livro uma criação híbrida, na melhor das hipóteses-uma mistura das próprias crenças de Leland, com algumas sobrevivências folclóricas e herméticas genuínas que ele havia conseguido desvendar de uma forma ou de outra (RUSSEL; ALEXANDER, 2008, p.157).

A narrativa segue relatando uma possível guerra entre ricos e pobres, cristão e pagãos, esse relato ocupa um ou dois parágrafos que logo abrem espaço para a fala de Diana para Aradia, onde a Deusa explica para a filha porque ela foi gerada e qual é sua missão na terra

É certo que és um espírito,
Mas foste gerada para voltar a ser
Um mortal; deves descer a terra
E ser uma mestra de homens e mulheres
Os quais, de bom grado,
Devem estudar bruxaria em tua escola [...]
Sim, deves fazer com que morram em seus
palácios;
E deves sujeitar a alma do opressor pela
força;
E quando encontrar um campônio que seja
rico,
Deves ensinar a bruxa, sua pupila, como
Arruinar suas colheitas com tempestades
horribéis [...]
E quando um padre causar-te mal
Com suas bênçãos, deve imputar a ele
Males duas vezes piores, e fazei-o em nome
De mim, Diana, a rainha de todas as bruxas!
(LELAND, 2000, p. 33).

Vários elementos da obra podem ser destacados enquanto subversivos, como, por exemplo, a tríade Diana, Lúcifer e Aradia ocupando o centro da narrativa; os protagonismos femininos de Diana e Aradia enquanto Deusa e messias contrastam o cristianismo patriarcal e sua dupla Deus e Jesus. Além disso, a missão dada a Aradia por Diana pode ser analisada sob uma ótica política que vai além do resgate do paganismo, Aradia é enviada para proteger os pobres, mulheres e pagãos, grupos marginalizados e mais

atingidos pelo advento do cristianismo.

A obra é repleta de noções de resistência clerical e luta aos opressores, a partir de noções já apontadas em Michelet; Leland referenciou a Igreja como perseguidora de um culto agrário camponês e de pessoas simples, o cristianismo como culpado pelo extermínio de tantas almas participantes de uma religião “primitiva”, que permaneceu resistindo e sobrevivendo em suas margens como uma “anti-religião” (CAMARGO, 2017, p.75).

Esse viés político da obra justifica-se pelas próprias influências de Leland, que congregava com as ideias do historiador Jules Michelet, como por exemplo, a exaltação da mulher, além de estar inserido no século XIX, com seus ares românticos.

Ademais, o livro é composto por algumas lendas, como, por exemplo, “Como Diana Criou as Estrelas e as Fadas”, “A Casa do Vento”, “Como Nasceram as Fadas”, etc; e feitiços como: “Para Encontrar ou Comprar Algo ou Para Atrair Boa Sorte”, “Para Obter Bom Vinho e Boa Sorte”..., todavia, nesse momento, centramo-nos apenas em nosso recorte a respeito do protagonismo feminino presente nos dois primeiros capítulos.

A Wicca foi criada por Gerald Gardner na Inglaterra em fins da década de 1940, em um contexto pós-guerra, tendo como principais características o culto a Deusa, e o conceito de retomada de uma religião pré-cristã.

A Wicca, segundo o próprio Gardner, é uma religião. Para se referir a ela, utiliza-se, também, os termos “Velha Religião” e “A Arte”. [...]. É uma religião iniciática, seus adeptos veneram um deus e uma deusa cujos nomes são secretos. Há um sacerdote e uma sacerdotisa que representam, consecutivamente, o deus e a deusa, mas as cerimônias

são dirigidas pela sacerdotisa, sendo que o sacerdote tem papel coadjuvante, mas não menos importante [...]. Suas cerimônias mais importantes são chamadas de Sabás e são oito, Samhaim, Yule, Candelemas ou Imbolc, Ostara, Beltane, Litha, Lammass, Mabon. Essas cerimônias acontecem de acordo com as datas sazonais do ciclo agrário (TERZETTI-FILHO, 2012, p.12)

Todavia, Gardner extraiu algumas concepções de outros autores que haviam publicado livros sobre bruxaria

As religiões não são feitas apenas de práticas e rituais, mas de um conjunto de histórias que lhes são legitimidade. Gardner sabia onde encontrar a base dessas histórias e recorreu a duas fontes mais óbvias que falassem tanto de uma velha religião quanto de bruxaria: Charles Leland e Margaret Murray (TERZETTI-FILHO, 2012, p.54).

Tanto a Wicca quanto a *Stregheria*² são centrados em um culto matrifocal, a Wicca incorporou muitos elementos da *Stregheria* apresentada por Leland, como nos mostra Magliocco:

Apesar das controvérsias que cercam a obra de Leland, *Aradia* continua sendo um dos mais importantes textos do movimento de renascimento da bruxaria. Suas contribuições para a bruxaria moderna neopagã incluem práticas específicas (encontros na lua cheia, a Deusa chamada *Aradia*, rituais onde os praticantes ficam nus foram adotados pelos Gardnerianos e pela bruxaria tradicional britânica; assim

como o livro “A Carga da Deusa” reescrito posteriormente por Doreen Valiente), sendo assim, o conceito de bruxaria como forma de resistência camponesa e crítica cultural (MAGLIOCCO, 2006, p.4, tradução nossa).³

Deste modo, a Wicca tem sido escolhida por muitas pessoas, principalmente mulheres, devido ao lugar que as mesmas ocupam dentro da religião, contrastando o local de inferioridade que o Cristianismo tem reservado as mulheres, mesmo com todo o culto centrado na Virgem Maria, a mulher ainda é vista como submissa e inferior, enquanto na Wicca as mulheres ocupam o cargo máximo de Sacerdotisas. Podemos, também, citar a Tradição Diânica, difundida por Z. Budapest e Starhawk que teve sua gênese na Wicca mas tem seu culto direcionado exclusivamente para a Deusa, além da maioria dos convênios contarem com a participação apenas de mulheres.

Carlo Ginzburg (1989) publicou um estudo riquíssimo sobre o sabá em seu *História Noturna* enfatizando que a concepção de sabá apresentada tanto pela historiografia quanto por outras áreas do conhecimento enfatizam o lado dos inquisidores, demonólogos e teólogos, o que empobrece a discussão pois,

As vozes dos acusados nos chegam sufocadas, alteradas, distorcidas; em muitos casos perderam-se. Onde – para quem não queria resignar-se a escrever pela enésima vez a história dos vencedores – a importância das anomalias, das lacunas que se abrem por vezes na documentação, rompendo sua unidade

² Em tradução literal do italiano, significa “feitiçaria”, mas também se refere ao conjunto de práticas neopagãs que emergiram da Itália

³ Despite the controversies surrounding it, Leland’s *Aradia* remains one of the most important texts of the witchcraft revival movement. Its contributions to modern Neopagan Witchcraft include specific practices (full moon meetings, the goddess name of *Aradia*;

the practice of naked worship, adopted by Gardnerian and other British traditional Craft; and the Charge of the Goddess, later rewritten by Doreen Valiente), as well as the concept of witchcraft as a form of peasant resistance and cultural critique.

(GINZBURG, 2012, p.24)

Ginzburg nos mostra que divindades como Diana, Perséfone, Demeter, etc; eram cultuadas em regiões da Itália nos séculos XIV e XV pelos acusados de feitiçaria, nos apresentando outros protagonismos femininos. Outro culto presente na obra de Ginzburg ocorre na Romênia, uma espécie de êxtase durante Pentecostes onde mulheres são rodeadas por homens que dançam e cantam em um rito relacionado aos mortos, onde divindades femininas são reverenciadas.

As múltiplas atividades dos *calusari* [...] desenvolvem-se sobre a proteção de uma imperatriz mítica, a quem reverenciam. Ela é chamada de Irodeasa ou Arada, Doamna Zînelor, a senhora das fadas. São os nomes com quais os autores dos penitenciais da Alta Idade Média, seguidos por bispos e inquisidores, haviam designado a divindade noturna que no Ocidente conduzia as procissões dos mortos: Herodíade e Diana (GINZBURG, 2012, p.204).

Podemos perceber que o culto a Diana enquanto uma deusa noturna ou deusa da morte atravessou os séculos, ainda que de uma forma não intacta pois muitas divindades tiveram seus nomes alterados, seus cultos distorcidos, mas em *Aradia* Diana segue como deusa da lua, ou seja, uma deusa noturna ao lado de *Aradia* (que também aparece como Herodíade em algumas partes do livro).

Pudemos perceber, ao longo da pesquisa, que a falta de trabalhos relacionados a temática neopagã no Brasil, é algo que precisa ser problematizado. As pesquisas em torno dos estudos de religião têm ganhado espaço ao longo dos anos, porém, quando pensamos em temáticas pagãs ou neopagãs, raramente encontramos materiais acadêmicos e em português. A maioria dos textos que propagam tal conhecimentos, são provenientes de sites e blogs de

praticantes das religiosidades supracitadas. O que, academicamente, não pode servir de base para uma pesquisa. Outro fator analisado e que merece ser visto, é o fato de que os eventos acadêmicos relacionados aos estudos de religiões raramente possibilitam a apresentação de trabalhos acerca da temática em simpósios temáticos voltados para os estudos pagãos. Além disso, realizar uma pesquisa acerca de tal temática em uma área diferente da ciência da religião, é um desafio constante.

Quando pensamos em *Aradia* (1899) podemos perceber que o maior desafio é a falta de credibilidade que o livro sofre por compor uma bibliografia considerada não acadêmica ou não rígida em sua cientificidade, isso ocorre não só com o livro citado, mas também com qualquer temática relacionada ao ocultismo. Por ser considerada uma obra “oculta” *Aradia* carece de estudos mais profundos sobre seu conteúdo. Sendo assim, nossa pesquisa foi uma tentativa de unir os materiais disponíveis em uma análise sucinta para realizar uma pesquisa introdutória e que está longe de esgotar-se.

O protagonismo feminino pode ser visto como característica das narrativas pagãs e do resgate das religiões da Deusa ou das novas formas de viver e pensar a religiosidade que emergiram no século XIX.

Durante a segunda onda feminista, a valorização do feminino cruzou-se com a emergente Wicca e posteriormente, na década de 1970 nomes como Z. Budapest e Starhawk cristalizaram-se como expoentes de um culto centrado na Deusa. Em 1971, Z. Budapest fundou o Susan B. Anthony Coven, que praticava uma espécie de Wicca “Dianica”, uma ramificação da Wicca cuja adoração é voltada quase que exclusivamente para Deusa. A chamada Tradição Dianica foi criada por Morgan McFarland que inicialmente aceitava homens e mulheres nos rituais e grupos, porém, Z. Budapest deu início a um

movimento separatista dentro da tradição aceitando apenas mulheres em seus grupos, dando uma nova face a Wicca Diânica. Paralelamente a ascensão de Budapest como escritora e sacerdotisa, outra feminista merece destaque: Starhawk, que escreveu o best-seller “A Dança Cósmica das Feiticeiras” possibilitando assim, uma bruxaria feminista, além de popularizar o culto a Deusa.

Concluimos assim, nosso recorte, visto que a temática está longe de esgotar-se. Por mais que as pesquisas acerca da Wicca, bruxaria, neopaganismo, etc; tem ganhado espaço no meio acadêmico, ainda há muito o que investigar, muitas vezes precisam ser ouvidas e muitas fontes precisam ser exploradas.

Referências

- CARDOSO, Pamela Louise. **Romantismo, Paganismo e Bruxaria**: a obra La Sorcière de Jules Michelet como precursora da Wicca, a Bruxaria Moderna. 2017. 181 f. Dissertação (Mestrado em História) Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História, Programa de Mestrado na Linha de Discursos, Representação: Produção de Pentidos – UEPG, 2017
- FAIVRE, Antoine. **O Esoterismo**. São Paulo: Papirus, 1994.
- FILHO, Celso Luiz T. **Um bruxo e seu tempo**: as obras de Gerald Gardner como expressões contraculturais. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) PUC – SP, 2012.
- GINZBURG, Carlo. **Andarilhos do bem**: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- _____. **História Noturna**: decifrando o sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GRAVES, Robert. **A deusa branca**: uma gramática histórica ao mito poético. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2004.
- GRIMASSI, Raven. **The book of holy streggha**. Springfield, Massachusetts: Old Ways Press, 2009.
- LELAND, Charles G. **Aradia o evangelho das bruxas**. São Paulo: Outras Palavras, 2000.
- _____. **Aradia il vangelo dele Streghe**. Alpo: Cerchio della luna, 2016
- _____. **Etruscan roman remains**. Cebu: Phoenix Publishing, 1999.
- MAGLIOCCO, Sabina. **Witching Culture**. Folklore and Neo-Paganism in America. Philadelphia: PENN, 2004.
- MATHIESEN, Robert. Charles G. Leland and the Witches of Italy: The Origin of Aradia in Pazzaglini, M.; Pazzaglini, D. (org) **ARADIA or the Gospel of the Witches**. Phoenix Publishing: New York: 1998.
- _____. Italian American Stregheria and Wicca: Ethnic ambivalence in American Neopaganism in **Modern Paganism in World Cultures: Comparative Perspectives**, (org) Michael Strmiska. Santa Barbara, CA: ABC-Clio, 2006, p. 55-86.
- MICHELET, Jules. **A feiticeira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- RUSSEL, Jeffrey B. & ALEXANDER, Brooks. **História da Bruxaria**. Tradução de Álvaro Cabral e William Lagos. São Paulo: Aleph, 2008.
- SALIBA, Elias Thomé. **As Utopias Românticas**. Editora Brasiliense, São Paulo – SP. 1991
- VARNER, Gary. Charles Leland: **The Man and The Myth**. Lulu Press, Morrisville, 2009.